

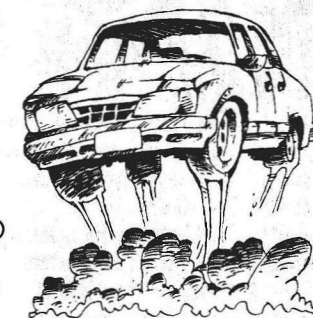
ECONOMIA



Bornhausen: sucesso.

Arquivo/AE

Nesta página: temendo os prolongados efeitos da recessão, os empresários pretendem ir a Collor pedir a retomada do crescimento econômico. Marcílio volta dos EUA e se diz tranquilo com a inflação. **Página 8:** o mínimo, reajustado hoje para Cr\$ 230 mil, fica congelado até setembro. A articulação política do ministro Jorge Bornhausen foi decisiva para a vitória do governo no Congresso. **Página 9:** o acordo da indústria automobilística completou um mês e conseguiu um crescimento recorde de 147% nas vendas de veículos em abril. E o Opala sai de linha, após 23 anos.



O velho Opala está se aposentando

Empresários: chega de recessão.

PRESIDENTES DA CNI E FIESP VÃO LEVAR O PEDIDO A COLLOR. ANTÔNIO ERMÍRIO ATACA A CIRANDA.

FÁBIO PAHIM JR. E

MILTON F. DA ROCHA FILHO

Grandes empresários de setores importantes da economia já acreditam que a recessão é a maior da última década, e só a agricultura apresenta alguma melhora. Também a ciranda financeira, que retornou com a política de juros altos, dificulta a retomada do crescimento, alerta o diretor superintendente do grupo Votorantim, Antônio Ermírio de Moraes. Os empresários estão preocupados e recomendam reformas estruturais no País, a começar pela reforma fiscal, para que a inflação caia de uma vez. Essa inquietação será transmitida pessoalmente nos próximos dias ao presidente Fernando Collor pelos presidentes da Confederação Nacional da Indústria, Albano Franco, e da Fiesp, Mário Amato. Eles vão pedir o fim da recessão.

Os empresários dirão ao presidente que não querem a saída do ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira. Ao contrário, condenam a "fritura" do ministro e defendem sua continuidade no cargo. Admitem que viver com uma inflação mensal de 20% ao mês é difícil, e quase impossível para se conseguir uma retomada definitiva da economia, como seria o ideal para o País. "Estamos vivendo momentos de altos e baixos. Isto é, uma semana de crescimento da economia e outra de baixa. Assim não há quem agüente", desabafa Antônio Ermírio.

Para as reformas estruturais — entre as quais uma reforma fiscal, com alterações na Constituição —



Arquivo/AE

Ermírio: altos e baixos.

os empresários esperam contar com o apoio do Congresso. Segundo eles, não é mais possível que Estados e Municípios continuem arrecadando tanto dinheiro como agora, e a União prossiga bancando as despesas.

Antônio Ermírio entende que o mercado interno vive uma crise terrível, já que não há perspectiva de se reduzir a inflação a níveis aceitáveis. "Os juros são elevados. Ninguém vai tomar dinheiro emprestado para investir. Ao contrário. Todos querem fugir dos empréstimos bancários."

Afago

Na opinião de alguns empresários de setores do aço, indústria de base, eletroeletrônicos e eletrodomésticos, além de alimentos, o mês de abril foi pior do que o esperado, e eles não acreditam nu-

ma guinada na política de Marcílio. "Nós esperávamos um afago que não veio", lastima Mário Amato, que reflete a opinião da indústria paulista, com 16% do Produto Interno Bruto brasileiro. "A expectativa de efeitos multiplicadores da safra e da exportação foi adiada", observa o presidente do Mappin, Carlos Antonio Rocca, preocupado com a chegada de uma âncora estabilizadora, a reforma fiscal.

Os empresários, porém, não esperam um avanço da inflação. "Estou projetando queda no ritmo dos preços", diz o presidente da Confab, Roberto Cayubi Vidigal, também da Rio de Janeiro Refrescos (Coca-Cola). "A inflação deve cair em maio e junho. Ninguém consegue vender", reforça Carlos Loureiro, presidente da Rio Negro, maior distribuidora de aço do País. "As pessoas já entregaram as gorduras e a carne e estão comendo os ossos. Estou menos otimista, mas não pessimista", diz Amato. "O último trimestre do ano deverá ser melhor", diz Loureiro.

Tanto Rocca quanto Vidigal acreditam que a vitória do governo na aprovação do salário mínimo é um sinal positivo. "Não estou pessimista. Todos os fatores econômicos melhoraram", afirma o presidente da Confab. Mas Amato entende que o governo precisa fazer mais: "Deve gastar menos do que arrecada. Não tenho dúvidas quanto à sustentação da política econômica, mas é preciso afrouxar um pouco, cortando mais na área pública".